

ISSN 2525-6904



ENSAIOS



## **A Pesquisa Identitária e o Sujeito que Pesquisa**

Carlos Henrique de Brito FURQUIM, *Universidade Federal de Ouro Preto*

---

O presente ensaio revisita o sujeito descentralizado em Stuart Hall e Judith Butler ao unir em suas reflexões o olhar *queer* a partir de uma discussão que perpassa a relação entre Linguagem e Identidade, e o olhar da branquitude incomodada, uma vez que ao trabalhar com a perspectiva da interseccionalidade é possível investigar melhor a relação entre os eixos de gênero, sexualidade, raça, etnia, por exemplo, a partir do que nos é apresentado no percurso de uma investigação científica. Tendo o princípio de que a pesquisa identitária tem o poder de cura, este breve texto apresenta inquietações do percurso inicial de uma pesquisa em andamento. Sendo assim, o autor, ao escrever o texto, coloca-se também como protagonista da investigação identitária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pesquisa Identitária. Lampião da Esquina. Linguística Aplicada Crítica.

---



## Introdução

*A teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária.  
Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos  
nossa teorização para esse fim*

bell hooks

Quando bell hooks<sup>1</sup>, ao prosseguir com o trabalho do mestre Paulo Freire, através da pedagogia engajada, apresentou o papel fundamental que a teoria pode exercer na formação e na vida do pesquisador, eu me encontrei.

Digo que me encontrei no sentido absoluto de reconhecer que interrogar o mundo e as coisas, em uma visão filosófica aspirante à busca pelas verdades (CHAUI, 2010, p.10), interrogar-se a si mesmo e adentrar-se em um campo de conhecimento, requer mais que práticas cotidianas constituintes da performance do “fazer acadêmico”. Exige do sujeito pesquisador autoliberdade para investigar as narrativas construtoras de uma pesquisa e também revisitar a própria história. Nesse sentido, o presente ensaio aspira, de forma bem introdutória, uma vez que trata-se de uma investigação que está em desenvolvimento, abordar de forma reflexiva sobre o papel da pesquisa identitária na formação do sujeito pesquisador.

O autor, ou seja, o sujeito que aqui se enuncia, revisita o sujeito descentralizado em Stuart Hall (2006) e em Judith Butler (2008) ao unir nas suas reflexões o seu olhar *queer* a partir de uma discussão que perpassa a relação entre Linguagem e Identidade, e o olhar de sua branquitude incomodada, também partindo da mesma relação. A interseccionalidade é, então, apresentada como um pano de fundo importante para refletir sobre o papel da pesquisa identitária e do sujeito que pesquisa, e também a relação entre ambos.

Logo, é importante refletir sobre a importância da pesquisa para o pesquisador, e a relação do pesquisador com a sua pesquisa. Mesmo que você deseje pesquisar um objeto, e ele não fale diretamente sobre o seu corpo, a escolha, por vezes, traz marcas subjetivas e de uma dimensão de ser interligada ao objeto, de forma que ele passa a ser

---

1 Sobre o nome de bell hooks ser empregado em letra minúscula: essa prática surge a partir de uma postura da própria autora que criou esse nome em homenagem à sua avó e o emprega em letra minúscula como um posicionamento político que busca romper com as convenções linguísticas e acadêmicas, dando enfoque ao seu trabalho e não à sua pessoa. O presente texto respeita a escolha da autora.



aquilo a ser descoberto. É como um bebê, ao reconhecer a estranheza do mundo, e precisa desvendá-lo usando os seus cinco sentidos, sobretudo seu tato, pois necessita de palpá-lo para conhecê-lo. É isso que acontece com o objeto de pesquisa. Ele não é mais um objeto, cria-se um corpo, vem à vida, está vivo e brilha aos olhos do pesquisador.

O pesquisador e o objeto, então, tornam-se muito próximos, de uma forma que ele, o pesquisador, reconhece que não está investigando uma matéria sem vida, ou uma vida-matéria e passa assim a ver e viver a pesquisa a partir de um plano linguístico, histórico, social, cultural, político e ideológico. O objeto não é mais objeto, é a pesquisa que conversa com o pesquisador através de seus interlocutores. Por isso, temos que compreender que existe uma relação intrínseca entre a pesquisa, seus interlocutores, e o pesquisador (CELANI, 2005), estando assim relacionados, fomentando o processo de pesquisar e conhecer.

## O sujeito que pesquisa e a pesquisa

Por que escolher esse objeto para pesquisar? Qual é a relação do seu corpo com ele? Perguntas a serem feitas para um pesquisador. Se ele não diz sobre o seu corpo, então o que ele diz sobre você? E se ele disser sobre o seu corpo? O que muda? Como será tudo daqui para frente? Foram essas as perguntas que me fiz nesses últimos dois anos, além de me perguntar realmente sobre o que estou pesquisando afinal e por que fazer uma pesquisa identitária. Assim se espera do mestrado, afinal a carreira de pesquisador ainda é tímida, incerta, sendo que a única certeza que temos é que a pesquisa tem um percurso cheio de descobertas.

Talvez uma pesquisa identitária me exija um posicionamento político comigo mesmo, com meus colegas de trabalho, e também com a sociedade. Talvez eu precise ser a teoria na prática. A ideia é essa. Paulo Freire (1996) e bell hooks (2013) já discutiam isso: é preciso viver a teoria. Melhor viver a teoria, do que viver de teoria. Praticar aquilo que se discute no cotidiano do âmbito acadêmico e não ficar confinado na hipocrisia de um discurso que se contradiz com atos totalmente contrários ao que se exprime pela palavra é fundamental para construirmos uma realidade cheia de mudanças, e que proporcione para os outros, e também para nós, uma ética tanto nos atos discursivos quanto nos atos não discursivos do dia a dia dos sujeitos que pesquisam.



Nesse sentido, para o percurso do mestrado, decidi trabalhar com suplementos literários presentes no jornal *Lampião da Esquina*, uma vez que me identifiquei com o *corpus* selecionado, e também me vi representado pelo trabalho desenvolvido pelo jornal. A pergunta de pesquisa que me movimentou a pensar nesta proposta de investigação é: quais masculinidades homoafetivas são contempladas pelo jornal *Lampião da Esquina*?

O *Lampião da Esquina* foi o primeiro jornal *gay* a circular no Brasil. Trata-se de uma preciosidade de 37 edições, que veiculou durante os anos 1978 e 1981, durante o abrandamento de anos de censura promovida pelo Golpe Militar de 1964. O jornal, de imprensa alternativa, propunha desconstruir a imagem estereotipada do homossexual na sociedade brasileira do século XX. Inspirando-se no jornal norte-americano *Gay Sunshine*, seu debate estava centrado nos corpos *queers* e, ao mesmo tempo, em temáticas como aborto, legalização de drogas, prostituição e assassinato de transexuais, por exemplo. Escolhi este *corpus*, pois pensando em investigar mais sobre os Outros, descubro mais coisas sobre mim. E assim, trago para o campo do conhecimento o meu corpo em processo de enunciação. Trago também os múltiplos corpos, semelhantes ao meu, para demarcar no campo do saber a nossa existência. Escrevo por mim e também por muitos que, no decorrer da História, tiveram o silêncio como ferramenta de sobrevivência. Abro as portas do armário, porque quero descobrir mais coisas sobre o grupo que me constitui e também porque aspiro contribuir para a visibilização de saberes produzidos por homens *gays*.

A justificativa da existência de uma pesquisa, que possa ser aceita e reconhecida no âmbito acadêmico, é a sua relevância e contribuição para o campo, mas o que sempre passa por despercebido ou é muito pouco refletido pelos colegas pesquisadores, é: qual é a relevância desta pesquisa para a minha formação como sujeito? Posso eu, sujeito, dialogar com a minha pesquisa? Ela poderá dialogar diretamente ou indiretamente comigo? Estarei eu, sujeito, autor deste texto, pronto, formatado, terminado, a ponto de não ser descentrado de meus valores e conceitos sobre normas e sociedade? Ou, como colocou Hall (2006), em uma “celebração móvel”? Isso quando me refiro a uma pesquisa *queer* de cunho interseccional (com raça, etnia, gênero, classe, sexualidade), por meio da linguagem. Toda pesquisa identitária precisa passar por essas interrogações. Logo, o método clínico, então, discutido



por Diniz (2006), torna-se necessário para pensar a relação do sujeito pesquisador e a pesquisa. Como pontua Diniz (2006, p.1-2):

O dispositivo de pesquisa que se utiliza do método clínico reconhece que o produto da pesquisa contém em si uma parte de desconhecimento, chamando-o como as “zonas cegas”, que são elementos nem sempre nomeáveis, de ordem inconsciente. A implicação da subjetividade do/a pesquisador/a, em suas dimensões consciente e inconsciente, é tratada não como obstáculo à compreensão, mas como um fenômeno a ser reconhecido e trabalhado no processo de produção de conhecimento.

A subjetividade do pesquisador, e o seu inconsciente, ao este revisitar a sua história investigando a própria história o faz trazer à tona a sua nova concepção sobre si e sobre a sua pesquisa. Temos que reconhecer que o trabalho do pesquisador não é o de investigar com a finalidade de obter resultados exatos. Não em ciências humanas, uma vez que o homem sempre será agente em construção e transformação.

Reconhecer que uma investigação possui um impacto histórico e social é valorizar o papel do conhecimento na nossa sociedade, e até que ponto ele está tão distante assim do cotidiano. Será que está? Recordo-me de quando Sócrates entrou no Oráculo de Delfos, a figura da Sibila proferiu ao mesmo o seguinte: *Nosce te ipsum*, que em outras palavras significa “Conhece-te a ti mesmo” (CHAUÍ, 2010). Deparei-me no inesperado, assim como Sócrates, portanto conhecer a si mesmo seria então interrogar-se e interrogar o mundo, reconhecer a existência de múltiplas identidades e realidades, e, no meu caso, seria investigar o meu corpo enunciado através de outras histórias e também da alteridade. Ou seja, que história aspiro me (nos) contar ao realizar minha pesquisa identitária?

Pensando assim, a pesquisa pode ser uma invenção, assim como o sujeito. Invenção esta que se reinventa em cada vez que investiga novas questões que surgem, para uma pesquisa identitária. Invenção esta que se reinventa ao se deparar com novos saberes que descolonizam o seu corpo, para o sujeito. Nós, sujeitos com corpos politicamente denominados por brancos e *queers*, quando pensamos em trabalhar com discussões identitárias, sempre perpassando pelo campo da linguagem, temos que pensar em dois aspectos interseccionais fundamentais: o olhar *queer* a partir de uma discussão que perpassa a relação entre Linguagem e Identidade, e o olhar da branquitude incomodada, uma vez que ao trabalhar com a interseccionalidade, conforme Hirata (2014) o



tem feito, podemos investigar melhor a relação entre os eixos de gênero, sexualidade, raça, etnia, religião e classe, por exemplo, a partir do que nos é apresentado no percurso da investigação.

Pensando na complexidade e na multiplicidade das identidades sociais que constituem o sujeito, temos que ressaltar que o olhar por meio da interseccionalidade deve ser atencioso<sup>2</sup>. Nesse sentido, é preciso compreender que há uma subordinação interseccional entre as múltiplas identidades que compõem um sujeito, e dentro dessa subordinação constitui-se a discriminação interseccional, que dificilmente pode ser identificada em contextos onde forças econômicas, culturais e sociais moldam silenciosamente o trânsito e as vivências dos corpos dentro do sistema. Por isso,

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. [...] Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, freqüentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. (CRENSHAW, 2002, p.177)

Ao se entrecruzarem, estes eixos (raça, gênero, sexualidade, por exemplo) revelam como o sistema de subordinação interseccional se molda através de uma hierarquia de opressões. Isso quando estamos discutindo sobre corpos historicamente colonizados, subalternizados, e compreendidos como corpos oprimidos. Nesse sentido, pensando na minha pesquisa identitária, a “celebração móvel” do sujeito de Hall (2006) sou eu. Porque, longe do pensamento cartesiano, com o “Penso, logo existo”, quero investigar a minha história pensando no meu corpo *queer* e nas estratégias que os Outros, iguais a mim, vieram sobrevivendo e reexistindo ao longo da recente existência de uma heterossexualidade compulsória, como Judith Butler (2008) ponderou.

---

<sup>2</sup> Vejamos os diversos trabalhos de Luiz Paulo da Moita Lopes e Aparecida de Jesus Ferreira situados no campo da Linguística Aplicada & Educação.



Além de que, também busco, por meio de minha branquitude incomodada contribuir para que sejam produzidos mais discursos de pesquisadores brancos, que tenham como engajamento o mecanismo de reparação proposto por Gilroy, citado por Kilomba (2016).

Gilroy *apud* Kilomba (2016) apresenta os cinco mecanismos de defesa em que o sujeito branco poderá tornar-se consciente da sua branquitude e de si próprio (KILOMBA, 2016, p. 178), sendo eles: recusa, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação. O último, mais ágil de todos, é aquele mecanismo em que o sujeito branco se propõe reparar as práticas racistas exercidas por si e pelo seu grupo étnico-racial na sua sociedade.

Conforme é articulado pelos autores acima, reconheço-me bastante neste estágio, pensando que é fundamental ser sempre um sujeito branco incomodado com o meu lugar de privilégio e contribuir, junto dos sujeitos negros, na promoção de uma equidade racial. Também penso que é importante que o sujeito que se reconheça como branco repense o seu lugar social e os discursos e práticas racistas de seu grupo, e também é fundamental que o discurso racista seja repensado na subjetividade e na constituição da identidade de todos os sujeitos, uma vez que você pode ser um sujeito negro racista, assim como acontece frequentemente na comunidade LGBTQ+ em que as fobias são presentes dentro dos discursos dos membros do grupo. Nesse sentido, nossas identidades podem ser também, além de transitórias, contraditórias (LOURO, 2000), ora ocupamos o lugar de opressores, ora de oprimidos (isso para não dizer quando os dois lugares são ocupados ao mesmo tempo por um só sujeito).

Ao elaborar meu projeto de pesquisa de mestrado, pensei na minha formação como sujeito. Como essas reflexões, que me propus a fazer, podem contribuir para que eu possa trabalhar as minhas múltiplas identidades, e também o meu situar-se na sociedade em um processo de mediação entre o que eu posso contribuir para o mundo com a minha pesquisa *versus* o que já existe pronto e, muitas vezes, oposto ao que me proponho discutir. Como essas reflexões podem contribuir para que meu pensamento e meu corpo sejam descolonizados dos grilhões que silenciaram muitos homossexuais? A pesquisa *queer*, por meio da branquitude reparadora (contexto em questão), aspira contribuir para os estudos que pensam os lugares de fala dos sujeitos histórico-sociais e, para além desses lugares do discurso, reflete também sobre os impactos que esses lugares de fala têm sobre os sujeitos leitores. No caso do



*Lampião da Esquina*, por exemplo, me propus a pensar no impacto que os textos literários produzidos por autorias homoafetivas masculinas geraram na época de sua concepção.

Belíssima é a fala de Evaristo (2007, p. 16-21), uma das grandes matriarcas da Literatura Negra Brasileira, que pontua que “a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa grande’ e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. A escrevivência negra está aí não apenas para apresentar o negro como protagonista das narrativas, e sim para trazer em discussão a realidade racista, um dia negada pelo mito da democracia racial de Freyre (2006) no século passado. Mais que isso, penso que a escrevivência negra, discutida em Evaristo (2007), contribui e muito para refletirmos numa escrevivência *queer*, quando me permito refletir sobre a importância do *Lampião da Esquina* na cultura *queer* do século XX, pontuando que a proposta deste jornal era trazer para a cultura nacional a diversidade dos corpos, com um tom de humor e também com muitas críticas sobre a estereotipação do homossexual na sociedade brasileira.

Refletir sobre a construção da identidade do homossexual masculino a partir da construção identitária promovida pelas autorias homoafetivas masculinas me faz pensar nas múltiplas identidades que esses autores homossexuais masculinos possuem, e nas múltiplas identidades do homossexual masculino que as autorias homoafetivas projetam em seus textos literários. Não menos distante, refletir sobre a tessitura da fictícia realidade, tão real por sinal, e que pode ser bem retratada por esse tipo de texto literário. Partindo dessa perspectiva, minha investigação transdisciplinar, muito comum nas pesquisas identitárias, ouve as vozes daqueles que tem, por engajamento político-científico, o papel de discutir saberes próprios de determinados grupos e vindos de lugares de fala historicamente subalternizados: sejam as autorias dos estudos negros, feministas, *gays*, entre outros saberes que possam caracterizar-se também como decoloniais, possibilitando assim um trabalho com escopo desconstrucionista.

Uma pesquisa identitária tem como pretensão a descolonização dos corpos e dos saberes, ao mostrar que todos os corpos vistos como corpos de minorias (negros, mulheres, *gays*, lésbicas, transexuais, etc) não são minorias, pois ao passarem pelo processo de empoderamento, através do conhecimento (seja este conhecimento proporcionado por meio de espaços escolares ou não escolares e grupos de militância, por exemplo), tornam-se emancipados, pois tomam a consciência do seu



papel e do seu poder como sujeitos, agora entendidos por si mesmos como politizados e despertados dos seus lugares de fala.

Como pontua Ribeiro (2017), todo mundo tem o seu lugar de fala. Segundo a autora, pensar lugar de fala é romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia, muito bem classificada por Derrida como violenta (RIBEIRO, 2017: 90). Um pouco antes, a autora tinha frisado que como disse Rosane Borges, para a matéria *O que é lugar de fala e como ele é aplicado no debate público*, pensar lugar de fala é uma postura ética, pois “saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo” (RIBEIRO, 2017:84).

Descentrar o lugar de fala, nas propostas de Ribeiro e de Borges, é repensar esse lugar de fala. Quando descentramos alguma coisa, estamos repensando a existência desta. Nesse sentido, pensando na temática racial, uma discussão que muito me intriga é: por que há poucos intelectuais brancos discutindo questões de negritude, sobretudo aliadas com outras questões, em via de interseccionalidade? Por que será que a grande maioria dos interessados nessas discussões são pesquisadores negros? Vejo que há um grande problema nessa questão, uma vez que o lugar da branquitude, instituído como normativo no universo social, é o lugar do privilégio, portanto o racismo não é um problema que afeta o modo de ser e estar do sujeito branco no mundo. É de extrema importância que pesquisadores brancos se sensibilizem e se debruçem na discussão, uma vez que essa é uma pauta para todos, e que só se combate o racismo, o sexismo, o machismo, e as diversas fobias (homofobia, transfobia, entre outras) quando todos nós vestimos conscientemente as diversas bandeiras e partimos para a ação. Não existe hierarquização de minorias, como coloca Ribeiro (2017), portanto a luta precisa ser por todas as pautas, pois elas se interligam.

Da branquitude incomodada, revejo o tempo todo o meu corpo, e por compreender que não sou somente um homem branco, e também um sujeito com corpo *queer*, vejo que o combate ao racismo, em especial, se dá quando o indivíduo se depara de frente consigo mesmo e se indaga sobre onde está o seu racismo e onde está a sua homofobia (e as diversas fobias sob as identidades sexuais e de gênero). Não é somente porque Gomes (2002) defende que não são apenas os negros que devem se inteirar nas práticas antirracistas, que eu penso que devo estar defendendo politicamente esta pauta nos lugares que frequento e



demarco a minha existência discursivo-corporal, e, sobretudo nesta pesquisa. Defendo a pauta porque me incomoda ocupar o lugar de privilégio e ainda vivenciar cotidianamente a desigualdade étnico-racial instaurada no Brasil. Como mencionou Munanga (2012), os brancos estão num lugar de privilégio, e esse lugar foi instituído politicamente ao longo da história. Lugar esse confortável, pois pouco interessa a maioria dos brancos se preocupar em discutir branquitude (MUNANGA, 2012), questão essa que tem me intrigado nos últimos anos. Em contrapartida, pensando que as identidades são fragmentadas, coexistem em um mesmo tempo e sujeito, elas também podem ser contraditórias: ou seja, posso ocupar o lugar de privilégio enquanto branco, e também posso ocupar o lugar de subalterno enquanto sujeito de corpo *gay*.

Então eu trago a provocação da obra de Spivak (2010) para conversar um pouco conosco: pode o subalterno falar? Respondendo a provocação da autora, afirmo que quando o subalterno que deixa de ser desprivilegiado e começa a falar, ele não está pedindo autorização para dizer, mas está construindo o seu lugar social e dizendo se a subalternidade será uma categoria a lhe pertencer daqui para frente ou não. Ele não pede licença para falar, enuncia-se como um sujeito em performance, porque se inventa de uma nova forma e emancipa-se. E mais, fala porque será ouvido, mesmo que para isso leve tempo. Ainda que Beauvoir (2014) leve tempo para ser compreendida quando disse que o processo de tornar-se mulher é político, também o fez Souza (1990) quando disse sobre tornar-se negro, e assim Isay (1998) sobre tornar-se *gay*, e ainda também reflito, com Sovik (2009), sobre o tornar-se branco como processo de consciência racial. Portanto, quando ouço as diversas vozes de sujeitos que fazem essas discussões, quero me visitar, me encontrar e me refazer enquanto sujeito, compreendendo, em diálogo com bell hooks (2013), que a teoria tem o poder de cura.

## Referências

BEAUVOIR, S. D. *O segundo sexo*. [S.l.]: Nova Fronteira, 2014.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.



CELANI, M. A. A. *Questões de ética na pesquisa em Linguística Aplicada*. Linguagem & Ensino, v. 1, n.8, p. 101-122, 2005. In: <http://rle.uepel.edu.br/index.php/rle/article/viewFile/198/165>.

CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. 14. ed. São Paulo : Editora Ática, 2010.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis - SC, p. 171-188, 2002.

DINIZ, M. *Gênero, subjetividade e relação com o saber*. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, Florianópolis - SC, 30 Agosto 2006. 1-7.

EVARISTO, C. *Da grafia desenho de minha mãe, um dos lugares*. In: MARCOS, A. Representações Performáticas Brasileiras: Teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa* (coleção leitura). São Paulo: SP: Paz e Terra, 1996.

FREYRE, G. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, N. L. *Educação e Identidade Negra*. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, p. 38-47, 2002.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HIRATA, H. Gênero, classe e raça - Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, revista de sociologia da Usp, v. 26, n 1, 2014.

HOOKS, B. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

ISAY, R. A. *Tornar-se gay*. [S.l.]: Edições GLS, 1998.



KILOMBA, G. A Máscara. In: \_\_\_\_\_ *Cadernos de Literatura em Tradução, Especial Negritude e Tradução*, n. 16. Tradução de Jéssica de Oliveira de Jesus. [S.l.]: [s.n.], 2016. p. 171-180.

LOURO, G. L. *Pedagogias da Sexualidade*. In: (ORG), G. L. L. O Corpo Educado. Tradução de Tomaz Tadeu Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MUNANGA, K. *Negritude e Identidade Negra ou Afrodescendente: um racismo ao avesso?* Revista da ABPN, p. 6-14, 2012.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017. 112 p.

SOUZA, N. S. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SOVIK, L. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro : Aeroplano, 2009.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.



## Identity Research and the Subject that Research

**ABSTRACT:** The present essay revisits the decentralized subject in Stuart Hall and Judith Butler putting together their reflections of the queer look from a discussion that crosses the relation between Language and Identity, and the look of troubled whiteness, since when working with perspective of intersectionality, it is possible best investigate the relationship between the axes of gender, sexuality, race, ethnicity, for example, through what is presented to us in the course of a scientific investigation. With the principle that identity research has the power to heal, this brief text raises concerns about the initial course of an ongoing research. Thus, the author, that is writing the text, also places himself as the protagonist of identity research.

**KEYWORDS:** Identity Research. Lampião da Esquina. Applied Linguistics Critical.

***Carlos Henrique de Brito FURQUIM***

*O pesquisador é graduado em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa pela UFOP e também é mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da mesma instituição. Desenvolve pesquisa no campo da Linguística Aplicada sobre performances raciais e sexuais em suplementos literários do jornal Lampião da Esquina. Possui interesse nos seguintes temas: Relações Étnico-raciais e de Gênero/Sexualidades, com ênfase no ensino de Língua Materna e Literatura; Literatura Infante-Juvenil com personagens negros; Literatura Negra-brasileira; Literatura Homoerótica.*